

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHORS

RACHEL CAINE

CHLOE NEILL

ROB THURMAN

And More...

*These boots were
made for stalking....*

FIRST TIME IN PRINT

KICKING IT

ALL-NEW TALES OF MURDER, MAGIC, AND MANOLOS

Edited by *USA Today* Bestselling Authors

FAITH HUNTER and KALAYNA PRICE





HIGH STAKES

(CHICALOGAND VAMPIRES 8.2)

Uma estória de Luc e Lindsey

DE CHLOE NEILL

Eram aqueles cachos que me matavam. Aqueles cachos loiro-sujos, embaralhados.

Eles praticamente gritavam para terem dedos pintados passados por eles.

O esmalte não era o problema. Hoje à noite eu estava usando uma mistura de um padrão preto e grafite que variava de unha para unha. Provavelmente teria sido mais apropriado em uma socialite que em uma guarda veterana da Casa de vampiros, mas eu tinha decidido um bom tempo atrás que não deixaria de ter estilo por ter presas. Era parte da minha crença, minha fundamentada fé, que imortalidade deveria ser vestida e mostrada como uma debutante em sua festa. Eu tenho sido uma vampira por mais de um século, e eu estava orgulhosa da minha genética. E desde meu cabelo loiro até meus favoritos saltos, eu tentava mostrar isso.

Mas esse não era o ponto.

O problema era os cachos, e o vampiro a quem eles pertenciam. Luc, o Capitão dos guardas da Casa Cadogan. Eu era uma guarda, o que significava que ele era meu chefe por anos. Meu colega. Meu amigo.

Agora ele era meu algo-mais-que-isso.

Eu ainda estava tentando colocar um nome ao “isso”.

Luc não estava tendo o mesmo problema, o que era o

porquê dele estar em frente ao meu pequeno quarto na Casa Cadogan segurando uma caixa de sapato preta brilhosa e um par das botas mais sexys que eu já tinha visto. Couro preto amanteigado, quase da altura do joelho, pontudo e com saltos tão altos e finos que por si só poderiam ser armas.

Eu os encarei com óbvia luxúria, mas continuei com meus braços cruzados e meus dedos afastados do couro que eu sabia que seria tão macio quanto seda. — Você me comprou botas. — eu disse pela quarta vez.

— Se o sapato servir... — Luc disse com um sorriso torto, o que era tão efetivo quanto os cachos.

— Eu não preciso de botas.

Ele me deu um olhar plano. — Desde quando isso parou você de comprar qualquer coisa? Você tem cinco pares de saltos pretos.

— E eu lhe expliquei isso centenas de vezes. — Eu contei com meus dedos. — Salto alto, salto baixo, lisos, de dedo, abertos na frente. Uma garota precisa de opções.

— O ponto é... — ele disse. — Eu não me importo se você precisa das botas. Eu só quero ver você nelas. E roupas são completamente opcionais.

— Não é sobre necessidade. — ele disse. — É sobre querer. Eu quis comprar elas para você, então eu as comprei para você. Sem nenhuma expectativa, Linds.

Eu sabia que ele estava falando a verdade. Estava claro em sua expressão, em sua mágica, no jeito que ele me olhava.

Eu fui abençoada – ou amaldiçoada, dependendo da sua perspectiva – com empatia. Era um dom raro para um

vampiro, e nem sempre um bem-vindo. Cada mau humor na Casa vazava para o meu subconsciente, e eu precisei aprender a filtrar as emoções dos outros ou arriscar que elas me consumissem.

Então, sim, Luc estava sendo honesto, e eu podia afirmar.

Mas não era tão simples.

— Luc — Eu disse, mas ele balançou a cabeça.

— Eu não quero falar sobre isso de novo. Eu não quero falar sobre estarmos indo muito rápido ou não rápido o suficiente. — Ele colocou a tampa na caixa, e a caixa na cama, apenas alguns passos longe de mim. E então ele fez o seu melhor movimento cowboy, colocando uma mão na minha cintura e me girando até ele.

Ele sorriu arrogantemente para mim. — Eu não estou com medo dos seus problemas, Linds.

— Eu não tenho problemas. — eu disse. — E nós precisamos descer. Talvez devêssemos falar sobre isso mais tarde.

— Você é um problema andante. — Luc disse, segurando o lóbulo da minha orelha antes de me soltar. — Felizmente, você também é linda e uma guarda muito boa.

— Eu sou a melhor guarda que você tem.

Ele encolheu os ombros despreocupadamente, obviamente tentando me irritar. — Você está certa. — Ele andou até a porta, abriu, e gesticulou para o corredor. — Vamos.

A Casa Cadogan estava cheia de estórias da opulência europeia e drama vampírico. Situada na vizinhança do Hyde Park, em Chicago, era o lar de quase noventa vampiros. Ou, mais precisamente noventa vampiros e uma psíquica que eles cozinhavam normalmente. Suas felicidades, suas tristezas. Suas raivas. Seus medos. Eu vivia em um caldeirão de emoções de vampiros, em uma vizinhança de emoções humanas, na terceira maior cidade do país.

Coletivamente, tinham muitas emoções aqui.

Eu tinha sido uma vampira por tempo suficiente para aprender a diminuir o volume, mas o humor de cada pessoa boiava como uma boia em meu cérebro. Pequenos truques me deixaram sã. Por falta de uma palavra melhor, “coisas” me ajudaram a filtrar o barulho extra. Esta é a razão do meu quarto parecer que eu estive estocando suvenires pelos meus cento e cinquenta anos como uma vampira. Os ornamentos, travesseiros, pôsteres, e outros comportamentos estranhos e sem sentido como isolamento, que foi a razão de eu passar tanto tempo no porão da Casa.

Com permissão, eu trabalhei lá embaixo, também, mas foi mais uma coincidência.

No primeiro piso da Casa tinham escritórios e salas públicas, e o segundo e terceiro pisos eram basicamente quartos. Mas o porão era onde a magia acontecia. A Sala de Operações de Luc era lá, como também eram a antiga, de madeira, sala de treinamento e, meu favorito, o arsenal da

Casa. Armas em abundância... e ainda mais isolamento.

Luc e eu fomos para a sala de treinamento. Os outros guardas oficiais, Kelley e Juliet, já estavam lá e querendo uma briga, e Merit, a Sentinela da Casa. Ela não era uma guarda, por assim dizer, mas o trabalho era perto o suficiente para ela treinar com o resto de nós. Merit era uma relativa novata para o mundo dos vampiros – apenas dez meses. Ela estava achando seu lugar como Sentinela – e como a namorada do Mestre, Ethan Sullivan – mas ela ainda estava aprendendo os movimentos. Ela pegou os movimentos da luta com espada de vampiro realmente rápido, provavelmente a perfeita mistura dos genes vampíricos de Ethan – transmitidos quando ele a transformou de humana para vampira – e o seu treinamento de dança.

Ethan também estava na sala, sem camisa e vestindo a calça preta com o mesmo estilo de artes marciais que Luc preferia. Enquanto Merit, Juliet e Kelley sentavam na beirada do tatame que cobria o chão, Ethan estava no meio, alongando seus braços sobre sua cabeça, estômago liso e abdômen tencionando enquanto ele se movia.

Eu não culpava Merit por seu gosto em homens. Ethan era alto, loiro, lindo, e imperioso feito o inferno. Eu apreciava os primeiros três, mas preferia um pouco menos de controle nos meus relacionamentos.

Luc deu um tapa na minha bunda e subiu no tatame.
– Olhos no prêmio, raio de sol.

Eu rolei meus olhos e sentei ao lado de Merit. Com longo cabelo preto e uma pequena franja na sua testa, ela era

bonita em um jeito antigo. Realmente, como uma princesa de outro tempo. Era apenas apropriado que ela estivesse estudando literatura medieval antes de Ethan transformá-la em uma vampira.

— Você fez bem, você sabe. — Eu disse, gesticulando para Ethan.

— Oh, eu sei. — ela disse. — Ele me lembra a cada oportunidade. E com muito detalhe.

Aparentemente para não ficar para trás por Ethan, Luc soltou a jaqueta de sua roupa estilo artes marciais e soltou no chão, revelando aquele abdômen perfeito, os muito mordíveis mamilos, e as linhas de seus músculos na base de seus quadris que imploravam por unhas o arranhando.

Eu lhe dava muito trabalho. Eu sabia. Nós tínhamos sido amigos por um longo tempo, e eu não queria perder aquela conexão. Em minha experiência, romance vinha e ia. Atração vinha e ia. Sim, nós passamos muito tempo juntos. E tecnicamente, nós éramos exclusivos. Mas eu não queria rotular isso, algo que criaria expectativas e faria com que nós nos odiássemos quando não conseguíssemos alcançá-las.

Eu era mais esperta que isso; eu não iria deixar que caíssemos nessa armadilha.

Luc escolheu aquele momento para olhar em meus olhos e piscar, o que me eletrificou – e me fez sentir culpada ao mesmo tempo.

Ele olhou para o pequeno grupo e bateu as mãos para receber a sua atenção. Não que aquilo fosse necessário. Sua audiência consistia de mulheres claramente intrigadas pelos

dois meio pelados atletas parados na nossa frente, descalços e perto de lutar. Quem não prestaria atenção naquilo?

— Boa noite, meus servos. — ele disse, olhando para nós. — Hoje à noite nós estamos falando de manobras evasivas. Escapar de inimigos em um combate corpo-a-corpo, ao invés de tentar conseguir sair do dever de patrulha alegando “dor nas presas”. Ele realmente usou aspas no ar. Ele também olhou diretamente para mim, porque eu fui a que tentou usar essa desculpa.

Vampiros tinham rápidas habilidades de cura, o que explicava porque eu estava congelando minha pequena bunda patrulhando poucos minutos depois do atentado.

— Agora, é crucial lembrar que manobras evasivas – saindo de uma compressão, soltando-se de um aperto – são tudo sobre o físico. Usando o peso do corpo do seu oponente e seus pontos fracos em sua vantagem.

— E se aquilo falhar, apenas lhe dê uma joelhada nas uvas. — Kelley murmurou. Eu tentei controlar uma risada, mas não muito bem. Ethan não pareceu se importar.

— Uma estratégia que levou muito tempo e treino. — Luc disse. — E se um inimigo atacar você, ele não poderia reclamar sobre a saúde de suas uvas.

— Saúde das uvas. — Merit sussurrou. — Parece o pior nome de um péssimo vinho sacramental.

— O corpo humano tem variados pontos de pressão. — Luc disse, levantando sua mão em um gesto, mas parando, seus olhos na porta.

Todos nós olhamos para trás e vimos a garota na porta.

Ela vestia jeans, uma camisa, e tinha uma bolsa cinza escura de mensageiro colocada diagonalmente pelo seu corpo. Ela era alta e firmemente feita, com longo cabelo loiro, meio pálida, sem maquiagem – e sem nenhuma necessidade para ela.

Eu estava tão surpresa em ver uma humana na porta que demorou um momento para lista-la como família.

Família humana.

— Ray? — Eu levantei e andei até a porta, minha mente correndo.

Ray me abraçou ferozmente, suficiente para me aperrear sobre o que a trouxe aqui. — Tia Lindsey. Graças a Deus.

Eu não era realmente sua tia; eu era uma vampira por muito tempo para isso. Ela era minha tatara-sobrinha neta – a bisneta da minha irmã. Eu tinha prestado atenção pela família da minha irmã enquanto eles ficaram pelos arredores da nossa cidade natal em Iowa, incluindo Ray, que era agora uma estudante na Loyola, no lado norte de Chicago.

Eu me afastei apenas o suficiente para ver uma parte de seu rosto. Mesmo que eu não fosse empática, não era difícil ver que algo a preocupava. — O que há de errado?

Ela pareceu perceber de repente que ela estava em uma sala cheia de vampiros que estavam a observando curiosamente. — Podemos conversar em outro lugar?

— Claro. — Eu olhei de volta para o grupo, planejando dizer a Luc que eu estava saindo. Mas eles já estavam nos circulando como paparazzi em volta de uma celebridade.

— Quem é essa? — Luc perguntou, as mãos nos quadris.

— Essa é a Ray — Eu comecei.

— Rachel, na verdade. — Ela interrompeu, se desculpando com o olhar. — Eu prefiro Rachel ultimamente. Suas bochechas estavam rosadas, mas seus ombros estavam retos. Tanto Ray ou Rachel, ela era definitivamente minha sobrinha.

— Rachel é um parente. — Eu expliquei. — Um descendente da minha irmã. O que você está fazendo aqui?

— Eu tenho um problema, Tia Linds. E eu acho que você é a única que pode ajudar.



Pedindo desculpas para o grupo de treinamento, Luc, Rachel e eu fomos para a Sala de Operações. Rachel se sentou em uma cadeira do final da larga mesa de conferências, a bolsa de mensageiro no seu colo. Eu sentei do seu lado, e Luc se encostou à mesa do outro lado.

— Qualquer sobrinha de Lindsey é minha sobrinha. — Ele disse.

— Tata-sobrinha neta. — Eu esclareci.

— Isso só faz você soar velha. — Rachel disse com um sorriso. Era o sorriso da minha irmã, ou a fração dela que conseguiu passar pelas gerações. O olhar se agarrou ao meu coração, me preenchendo com saudades.

— Então por que nós não nos conhecemos antes?

— Eu tento manter minha família longe de nosso drama.

Eu disse, sorrindo conspirativamente para ela. — É como

uma novela de vampiros por aqui. *A Juventude e os com Presas.*

— Isso é meio que a questão. — Ela disse, traçando nervosamente os dedos sobre a parte de cima da mesa. — Alguma coisa aconteceu, e eu não tenho certeza sobre o que fazer. E eu acho que caí em seu território.

— Comece pelo início. — Eu sugeri.

Ela acenou, imobilizada em sua cadeira. — Então, você sabe que eu divido uma casa perto do campus com minhas amigas Emily e Georgia, certo?

— Certo. — Eu disse, mesmo que eu não tivesse certeza se eu lembrava de Emily e Georgia. Como a maioria das garotas de sua idade, ela tinha uma situação fluída de colegas de quarto. Mas esse não era o ponto, então eu acenei.

— Eu tinha acabado de terminar um bem grande projeto de laboratório. Eu nem tinha deixado o campus por vinte e quatro horas. Eu voltei para casa na noite passada, e quando eu voltei, eu achei isso.

Ela abriu a sua bolsa de mensageiro e tirou uma revista, que ela colocou na mesa.

Era uma cópia da *Chicago World Weekly*, uma revista de fofoca. Com os vampiros tendo seu momento mais popular, o Weekly tinha paparazzi fora da Casa e nos seguiam pela cidade. Neste caso em particular, meu rosto estava me encarando, meus olhos escondidos por óculos escuros, e eu estava usando saltos altos e um jeans que não poderia ser mais apertado nem mais lisonjeiro.

Mas a roupa era dificilmente o ponto.

Alguém tinha espalhado tinta vermelha pela página, de modo que parecesse que meu corpo estivesse com furos de bala. E arranhado no final da matéria tinha uma mensagem:

QUERIDA ROSE:

LOUCOS NÃO SABEM NADA, MAS EU SEI DE TUDO.

VOLTE PARA CASA, ROSE.

Eu empurrei para longe um raio de reconhecimento – e medo. Aquele era um nome que eu não tinha ouvido em um longo tempo, não esperava ver de novo, e não devia estar vendo agora.

Eu empurrei a revista para mais perto de Luc para sua opinião.

— Onde você encontrou isto? — Eu perguntei para ela.

— Na minha cama. — Rachel disse, mordiscando seu lábio nervosamente. — Na minha casa. Por que, tia Lindsey? Você está com problemas? Como eles sabiam que nós éramos parentes? E quem é Rose?

— Eu não estou com problemas. — Eu disse firmemente. — Isto é de alguém tentando causar problema. Alguém do meu passado. Eles deixaram com você porque eles sabiam que você viria a mim, e eles sabiam que eu prestaria atenção.

— Que tipo de problema? — Ela perguntou.

— Eu não tenho certeza. Não exatamente. — Mas era sério o suficiente porque eles mexeram em uma revista e entregaram para minha sobrinha. Eu tomei uma rápida decisão. — Como você chegou aqui?

Ela abriu a boca, fechou de novo, confusa com a mudança drástica de assunto. — Eu dirigi. Emily me emprestou seu carro. Porquê?

— Porque eu quero que você fique na Casa por uns poucos dias enquanto eu lido com isso. — Eu coloquei minhas mãos sobre as dela, pude a sentir tremendo com medo, e isso me matou. Meu passado, meus problemas, não deviam ser usado contra ela. Isso não era justo.

Não era como o jogo era jogado.

— Deixe seu carro aquecido. — Eu disse. As emoções caóticas dela – medo por si mesma, preocupação por mim, e um pouco de intriga – bombeou no limite da minha consciência. — Coloque na frente dos portões da Casa. Eu vou buscar meu carro e te seguir até sua casa. Você pode deixar o carro de Emily e pegar algumas roupas.

Rachel era uma boa garota – uma garota inteligente – e ela sabia quando se mover. Ela se levantou e acenou, deslizando a bolsa de mensageiro por seu ombro. — Eu vou estar na frente.

Eu esperei até ela desaparecer no corredor antes de olhar de volta para Luc.

— Aquela maldita matéria da revista. — Eu disse, uma dor de cabeça começando a aparecer por trás dos meus olhos. — Eu devia saber que iria levar a algo ruim. Eu devia ter sido mais cuidadosa.

— Você sabe o que é isto? — Luc disse, sua voz infinitamente mais calma que a minha. Mas este era seu trabalho, de todo jeito – cuidar de crises.

— Só uma ideia.

Ele olhou para mim por um momento. — Isto é sobre Nova Iorque. — Ele concluiu. — Quando você ainda era ‘Rose’.

Eu acenei. Eu tinha nascido em Iowa, mas o meio oeste não era exatamente excitante o suficiente para a vampira que me criou, Delilah. Ela preferia a liberdade e excitação de Nova Iorque. Os vampiros de Nova Iorque tinham rejeitado o Presídio de Greenwich, nosso antigo comando europeu, e o sistema de Casa era mal visto. Na opinião de Delilah, vida era melhor com liberdade. Então eu aprendi como ser uma vampira em um coven que não se importava sobre mais ninguém, humano ou vampiro. Nós festejávamos até o amanhecer, bebíamos gin em banheiras em lojas ilegais, dançávamos com escritores e artistas. Eu levava minha imortalidade com emoção, e eu testei os limites.

Luc e eu nos conhecemos há tempo suficiente para eu ter contado sobre meu passado na Grande Maçã¹, lhe dito sobre a Proibição, gângsteres, jazz.

— Eu ainda não posso imaginar você como um bebê vamp em Nova Iorque ou em qualquer lugar. Você tem uma alma velha.

— Eu tenho uma alma velha porque sou velha. — Eu disse. — Eu quis dizer, você sabe, para uma pessoa de vinte e nove anos.

— Claro. — Luc disse levemente, mas seus olhos estavam puxados com preocupação. — E a ameaça?

Aquilo, eu não estava pronta para falar. Não estava

¹ Como é chamada a cidade de New York

pronta para pensar. — É uma longa história, e eu preciso ir.

— Então você pode me dizer no caminho para casa de Rachel.

— Isso não é necessário. — Eu disse, meu tom seco. Eu estava me fechando, e eu sabia disso. Me fechando e deixando ele fora, preparando para focar na tarefa em questão.

Mas Luc insistiu. — Ir sem mim não é uma opção. — Ele se levantou e pegou seu casaco da cadeira em sua mesa. — Vamos.



— Me conte a história. — Ele disse, quando ele conseguiu permissão de Ethan para que Rachel ficasse temporariamente na Casa e nós estávamos no caminho, passando pelo Lago Michigan enquanto dirigíamos para o norte.

Eu hesitei. Meu passado não era exatamente limpo e brilhante, e eu não queria falar sobre isso. Reviver a história não faria bem alguém para ninguém, como aquela revista provava.

— Ainda afeta você. — Luc disse, com sua incrível capacidade de entender o que eu estava pensando, o que me preocupava. A habilidade era tão irritante quanto proporcionava alívio.

— Não devia me afetar. — Eu disse.

Luc resmungou. — Isso é tudo bem e bom, raio de sol, mas eu tenho uma revista manchada, com tinta espalhada

que diz o contrário. Explique, ou eu vou ter que ligar para Helen e perguntar por sua ficha pessoal e pegar todos os detalhes sórdidos. E você sabe que ela me daria.

Helen era a diretora de Cadogan, uma mulher que tinha um gosto específico em vamps. Luc estava na sua lista boa; eu nunca estive. Isto significava que ele estava certo sobre minha ficha pessoal.

Eu concordei, mantendo um olho na estrada – e nos seguidores de Rachel na nossa frente. — A primeira linha da nota – Loucos não sabem nada – é de ‘O Coração Revelador’.

— A curta história de Poe?

— A mesma. Era também a senha para a nossa favorita loja ilegal.

Luc acenou. — A Safira. Esta era você e as garotas das flores, certo? — Ele costumava chamar elas assim, os vampiros com quem eu andava. Violet, Daisy, Iris, e eu, Rose.

— Isto tem algo a ver com elas?

— Elas morreram. — Eu disse quietamente depois de um momento. — Elas foram pegas no meio de um fogo cruzado em uma rixa de gangues.

— Balas não matam vampiros. — Luc disse.

— Algumas balas? Não. Não foi isso. Foram muitas. Foi a primeira violência real que eu tinha visto, e isso era muito.

— Foi por isso que você veio para Chicago. — Ele disse.

Eu acenei. — Peguei um trem e comecei de novo. E com sua gentil e modesta instrução, eu aprendi disciplina. Eu aprendi respeito próprio. Eu tentei colocar meu passado para trás. Eu acho que isso foi ingênuo.

— Obrigado por isso. — Ele disse. — Por me contar.

Ele soou sincero, e ele *pareceu* sincero. Ele não me deu nenhuma razão para duvidar dele. Mas confiança era uma coisa engraçada, e não algo que eu soubesse muito. Não era algo que eu estava pronta.

A questão era, Alguma vez eu estaria pronta?



A casa da garota parecia como a maioria das outras no bloco. Dois curtos andares e uma entrada eram sustentados por grossas colunas. Provavelmente tinha sido construída durante a II Guerra Mundial, quando famílias viviam aqui. Agora era o lar de três garotas colegiais e, em um lado da entrada, tinha um bem usado sofá.

Nós saímos do carro e seguimos Rachel escadas acima e para dentro da sala de estar, que tinha chão de madeira, móveis que não combinavam, e plantas que recebiam tão pouco sol quanto eu. A casa cheirava a antiguidade e a um perfume frutado.

— Meu quarto é aqui atrás. — Ela disse, nos levando por um corredor estreito.

O quarto de Rachel, ao contrário do resto da casa, era impecável. Cama pequena. Cômoda. Prateleira. Grande quantidade de gavetas com um espelho em cima em um estilo que combinava com o resto dos móveis. Cestas organizadoras deixavam organizados bens e coisas, e a cama estava bem arrumada.

— Onde você achou a revista? — Eu perguntei.

— Estava em cima da cama. Eu a peguei, vi o que dizia, e entrei no carro.

— Boa cabeça a sua. — Luc disse. Ele caminhou até a cômoda, olhou por algumas fotos. — E o que nós temos aqui? Ele perguntou pensativamente, então virou a fotografia para que todos pudessem ver.

Ali, em uma desgastada foto em preto e branco que tinha tido melhores dias, estava nós quatro. Eu caminhei até ele para olhar melhor.

— Você é uma constante surpresa. — Ele sussurrou, seus olhos abertos enquanto ele olhava para a imagem.

Eu vestia um vestido sem mangas que ia até meus joelhos, coberto em franjas que vibravam e chocavam sempre que eu andava, o que eu fazia com altivez. O colar de pérolas, longo o suficiente para chegar até o início do meu abdômen, tinha sido um presente de um generoso gangster particular. Meu cabelo estava curto e cuidadosamente curvado em curvas perfeitas que moldavam meu rosto.

Um trio de mulheres estava ao meu lado. Estas eram as garotas das flores: Daisy, Iris e Violet. Nossos braços estavam em volta da cintura da outra, nossas pernas direitas levantadas para a câmera, os saltos de Mary Jane em nossos pés.

— Onde você conseguiu isto? — Eu perguntei, olhando para ela.

Ela corou, só um pouco. — Estava em uma caixa de coisas que eu peguei da minha mãe – velhas fotos de família.

— É definitivamente velha. — Eu disse. — Foi há muito tempo atrás. E nós devemos nos apressar.

Ela concordou, então pegou uma bolsa e começou a colocar roupas da cômoda. Eu a observei devotadamente, mas pude sentir os olhos de Luc sobre mim. Ele estava curioso – sobre meu passado, e o que eu não tinha contado para ele.

Mas tinha muito para contar.

Rachel fechou as gavetas e foi até uma porta que eu assumi que era o closet.

— Alguns pares de sapatos. — Ela disse. — E eu acho que estou pronta.

Ela girou a maçaneta, e eu escutei um click.

Meu coração parou.

— Rachel! — Eu gritei, indo em sua direção e a colocando no chão, cobrindo seu corpo com o meu no momento em que ela abriu a porta – e o gatilho disparou.

Ela gritou quando um tiro passou pelo quarto, a bala passando por nossas cabeças e destruindo um pôster na parede oposta.

O medo súbito deles me atingiu, e eu tentei deixar minha respiração sobre controle. *Eu sou uma profissional*, eu me lembrei. Mas aquilo não parou o doloroso aperto no meu coração. Eu olhei para cima, vi o mecanismo no closet. Era uma arma de mola, uma armadilha antiga que era colocada para ferir – ou matar – um intruso.

— Jesus! — Luc exclamou, olhando para aquela coisa. — O que infernos foi aquilo?

— Arma de mola. — Eu disse, e seu olhar foi para o meu, sua pergunta óbvia: *Como Lindsey sabia o que era, e que iria disparar?*

Eu me levantei e tirei um pouco de ouro da porta do closet. Cuidadosamente, eu me movi para mais perto. Por trás da arma, na frente de uma coleção arrumada de sapatos, tinha uma moeda de ouro. Eu peguei e coloquei meu dedo na imagem que eu sabia que estaria ali – um esboço de um trevo e o logo do Green Clare.

Eu coloquei em meu bolso.

— O que você achou?

— Um cartão de visitas. — Eu disse, me levantando e ajudando Rachel a se levantar.

Luc andou até o closet para inspecionar o mecanismo. – Acionou quando ela abriu a porta. – Ele olhou de volta para mim. – Você ouviu isso?

Eu concordei. – Eu tive sorte. — Eu disse, mas nós dois sabíamos que eu estava mentindo.

Rachel olhou para mim, com os olhos abertos. Lágrimas estavam acumulando nos cantos dos seus olhos, e seu medo e choque penetravam o quarto.

Ela estava em perigo por minha causa – quase tinha sido morta por minha causa. Ela não devia ser parte disso. Não iria ser parte disso, se os culpados tivessem qualquer senso de honra. Você não colocava seus ressentimentos contra inocentes.

— Tia Linds?

— Você está bem. — Eu disse, colocando meus braços

sobre ela.

— Eles tentaram me matar. Ela disse. — Eles tentaram me matar. — Eu podia ouvir o choque em suas palavras.

— E a revista estaria aqui para você achar. — Luc disse, encontrando meu olhar por cima da cabeça de Rachel. — Lhe chamando de volta para Nova Iorque.

Eu me afastei, o suficiente apenas para ver o rosto de Rachel. Meu coração doeu, e eu empurrei a dor para longe, focando na tarefa à minha frente e a jornada que eu iria ter que fazer. Eles estavam me chamando de volta para Nova Iorque, e eu iria responder.

— Eu vou chegar ao fundo disso. — Eu a assegurei. — E tudo vai ficar bem.

De um jeito ou de outro, tudo iria ficar bem.



Nós dirigimos em silêncio, Rachel no banco de trás. Eu a chequei constantemente no espelho retrovisor, como se ela pudesse ser levada para longe. Mas ela encarava sem expressão para a janela, a bolsa agarrada em suas mãos como se fosse a sua última possessão na terra.

Luc decidiu chamar Chuck, o avô de Merit e o antigo chefe dos casos sobrenaturais da cidade. Ele concordou em falar com os seus contatos do Departamento da Polícia de Chicago, para que eles esvaziassem a casa e achassem um local seguro para o restante das garotas até que nós resolvêssemos o problema.

Nós estacionamos e entramos na Casa, e Helen nos encontrou no lobby. Ela parecia com uma líder futurística militar. Terno básico. Cabelo prata, nenhum fio fora do lugar. Suas mãos estavam cruzadas na sua frente, seus saltos perfeitamente afiados. Eu a achava assustadora.

— Você deve ser Rachel. — Ela disse com um sorriso eficiente. — Nós preparamos a suíte de convidados no terceiro andar. Você deve estar cansada. Eu posso lhe levar para cima se você quiser se acomodar.

— Claro. — Rachel disse, mas lançou um olhar para mim.

— Está tudo bem. — Eu disse com um sorriso. — É uma suíte bem legal. Melhor que qualquer um dos nossos quartos, na verdade. Você estará vivendo a vida boa.

Rachel sorriu, apenas um pouco, o que provavelmente era o melhor que eu podia esperar, considerando que ela quase tinha levado um tiro de um inimigo meu.

— Obrigada, Helen. — Eu disse, enquanto ela guiava Rachel para as escadas.

Eu as deixei avançarem um pouco — deixando Rachel ficar um pouco longe — então comecei a subir as escadas.

— E agora? — Luc perguntou, começando a subir ao meu lado.

— Eu tenho que ir para Nova Iorque. Se eu não for, isto nunca vai terminar. — Eu vou para lá e eu encaro isto, ou Rachel vai ter que olhar pelo ombro pelo resto da vida.

— Você não me contou tudo. — Ele disse em um tom que não deixava nenhum argumento, nenhuma possibilidade

dele estar errado. – Me conte o resto. E não pule as partes boas.

Eu esperei até nós chegarmos no meu quarto, e então eu fechei a porta e a tranquei.

Eu me mexi para o closet e peguei uma bolsa do chão, que eu coloquei na cama e abri o zíper. No caminho de volta para o closet, Luc pegou minha mão, me parando.

— Ei. Ele disse calmamente quando eu resisti. – Fale comigo, Linds.

Fazendo contato visual com ele pareceu muito intimidante. A chamada na casa de Rachel tinha sido muito próxima, e eu estava com medo. Um movimento errado, e eu podia não conseguir me controlar.

— Ela é meu último parente. — Eu disse. — A única filha de uma única filha de uma única filha. Eu preciso protegê-la.

— Protegê-la do quê?

— Eu não sei.

— Lindsey. — Ele começou, mas eu balancei minha cabeça, finalmente olhando para ele. Tinha preocupação e medo em seus olhos, e isso me assustou. Aquelas emoções eram fortes, e elas pesavam em mim mais do que quaisquer outras. Mais que felicidade, mais que alegria. Eu não queria o peso de seu medo; e eu não podia aguentar.

— É a disputa, eu acho. Com as garotas.

Ele concordou, cruzando os braços. – Tudo bem.

— Violet – ela era a mais nova quando ela foi transformada. Apenas dezenove. Ela se apaixonou por um

gangster humano chamado Tommy DiLucca. Ele transportava bebida pela cidade, e ele era dono da Sapphire. Ele estava em uma disputa com outra gangue pelo território, pelo suprimento de licor. O grupo era liderado por um cara chamado Danny O'Hare. Ele era um vampiro, e um bruto. Violento. Casualmente, Tommy queimou uma carga de bebida de Danny, e Danny se vingou.

— Ele matou todos?

Eu acenei. — Humanos e vampiros também. Nós – as garotas, eu quero dizer – estávamos no bar. O'Hare chutou a porta, começou a atirar. Danny estava zangado. Ele estava ofendido. Ele continuou atirando até que os corpos eram dificilmente reconhecíveis. Até as garotas não podiam se regenerar.

— Como você conseguiu sair? — A voz de Luc estava calma agora.

— A loja ilegal tinha um buraco de padre, acessível por uma porta falsa. Foi como eu sabia da arma de mola; elas eram ilegais, mas as gangues as usavam para proteção, para deixar a bebida segura. Tinha garrafas lá embaixo – coisa velha. Coisa boa. Coisas de antes da Proibição. Eu estava roubando uma quando Danny e seus homens entraram pela porta. Eu olhei – apenas espiei – mas permaneci ali até o tiroteio terminar. Eu sabia que não tinha nada que eu pudesse fazer.

— Claro que não tinha. — Luc disse, e seu tom mudou. — Você acha que Danny viu a revista, descobriu que você estava viva, e quer terminar o serviço?

Eu puxei a moeda do meu bolso e mostrei para Luc inspecionar. Ele olhou para ela.

— O que é isso?

— É uma moeda do Green Clare, o pub de Danny. Ele dava para pessoas que ele gostava. Era algo que eles podiam usar para redimir um favor. Eu achei no chão do closet. Eu acho que ele quer terminar o que começou. Essa é a única explicação. Ele pensou que eu estava morta, mas percebeu que eu não estava quando ele viu isto.

— Mas a revista saiu meses atrás. Luc disse.

— E levaria tempo para ele descobrir como me machucar. E como achar Rachel.

Luc concordou, pressionou um beijo leve em meus lábios, e me soltou. — O que eu devo levar comigo?

Eu não entendi a pergunta. — O quê?

— O que eu devo colocar na mala?

— Você não vai. Eu vou sozinha.

Eu senti sua preocupação jorrando. — O que você quer dizer, você vai sozinha? Você precisa de reforço.

Eu não queria falar sobre reforço. Eu não queria falar sobre nada, então eu não fiz.

Eu andei para o meu closet e peguei roupas dos cabides, que coloquei cegamente na bolsa. Não importava o que eu colocava. Só importava que eu fosse, e fosse sozinha. Tinha um objetivo: deixar Rachel segura.

— Esta é minha batalha. Eu vou lutar sozinha.

Mas suas emoções apenas perfuraram mais, deixando minha dor de cabeça maior em meu cérebro.

— Merda, Lindsey.

Eu congelei e lancei um olhar para ele. — Perdão?

— Você me escutou. Você é uma boa guarda – uma guarda esperta. Você sabe melhor que ir para Nova Iorque lidar com alguém que obviamente está louco e quer te matar...

— É muito perigoso. — Eu disse.

— E eu digo merda de novo. Você sabe que eu posso cuidar de mim, e eu seria uma vantagem. Você está se fechando. E isso é covardia.

Eu o encarei de volta, absolutamente furiosa. – Você está me chamando de covarde?

— Eu não estava, na verdade, mas agora eu estou. Você sabe por quê? Porque isso é exatamente o que você é. Uma covarde. Você está me afastando porque você está com medo. Com medo que você vai me perder. Com medo que você vai se perder. Com medo que você vai perder nossa amizade.

— Esta é uma razão decente de ser cautelosa.

— Você não está sendo cautelosa. Você está em negação.

— Nós vamos discutir sobre isso agora? Agora?

Luc jogou suas mãos para o ar em óbvia exasperação, o movimento me mandando uma onda de choque de mágica pelo quarto.

— Quando mais nós iríamos discutir sobre isso, Lindsey? Eu pensei que nós tivéssemos terminado com isso. Eu pensei que eu finalmente tinha conseguido escalar a parede que você construiu à sua volta. Mas aparentemente

não. Porque você quer ir para Nova Iorque – sabendo que você vai ter que enfrentar algo grande e horrível – sozinha. Porque você não me quer lá com você? *Não*. — Ele disse. — Não, você expressivamente quer que eu fique. Você nem sequer questionou me levar com você.

— Isto não é sobre você. É sobre mim. — Eu bati uma mão em meu peito. — Eu.

— Não. — Ele disse, tristeza em seus olhos que fez meu estomago doer. — É sobre nós. — Ele olhou para baixo, a pressão no quarto mudou tão rápido que eu quase dei um passo para trás por causa disso. — Eu vou dizer para Ethan que você está indo embora.

— Isto não é sobre nós. — Eu insisti, mas de novo, nós dois sabíamos que eu estava mentindo.

— Adeus, Lindsey. — Ele disse. E então ele virou e andou para fora do quarto, deixando a porta entreaberta.

Eu pisquei lágrimas, e soltei o ar para me acalmar. Não importava o que acontecia aqui, com ele. Voltar para Nova Iorque e cuidar das coisas – isso era o que importava.

Eu me agachei, puxei o tapete que cobria o chão duro de madeira, e puxei uma tira que eu tinha soltado muitos anos atrás. Na cavidade, eu deixei uns poucos documentos sobre meu tempo como vampira, incluindo um arquivo contendo informações sobre Danny O'Hare e o Rookery, a vizinhança onde ele e Tommy DiLucca estavam brigando. O Rookery tinha uma boa parte da população sobrenatural da cidade, e de acordo com minha pesquisa, não tinha mudado muito com o passar dos anos. Se era por causa do suprimimento mágico

ou pelo medo dos humanos, o Rookery e seus ocupantes tinham ficado em seus lugares.

A vizinhança ainda tinha o Green Clare, o que de acordo com os dados do estado, ainda era de “William Daniel O’Hare. Não é que eu esperasse que O’Hare ou alguém do Rookery fosse procurar por mim depois de todos esses anos – eles não sabiam que eu estava viva, afinal – mas eu era uma guarda da Cadogan. Luc me treinou para antecipar e preparar, não importava o quanto a ameaça fosse impossível.

Lágrimas ameaçaram novamente, eu fechei o zíper da minha bolsa e puxei a alça para meu ombro. – Cuidar das coisas. — Eu murmurei para mim mesma.

Eu continuei repetindo aquelas palavras todo o caminho enquanto eu descia as escadas, para a porta da frente, para a calçada, e para o portão até entrar no táxi.

Nenhuma vez eu realmente acreditei nelas.



Luzes – vermelha, branca, âmbar, verde – borraram pelo nevoeiro enquanto o táxi foi até o aeroporto. Eu abri um pouco a janela, apenas o suficiente para sentir a brisa fria em meu rosto. Aquilo não diminuiu a culpa sobre a briga ou o sentimento que eu estava errada sobre a coisa toda, mas o que estava feito estava feito.

E parecia que Luc e eu estávamos acabados.

Eu enxuguei minhas bochechas, subi a janela, e cruzei minhas pernas. Eu era uma vampira da Cadogan, uma garota da moda, uma lutadora. Uma mulher que tinha visto

mais em uma década de vida que muitos humanos viam em uma vida inteira. Eu não precisava de outro diretor – ou alguém que validasse minha existência.

E foi isso que eu continuei dizendo para mim mesma.

Eu entrei no avião – o último para fora de Midway pela noite – no momento que eles fecharam as portas, e sentei no meu lugar na primeira classe. Eu tinha guardado dinheiro suficiente pelos anos, de modo que eu pudesse pagar por isso. Eu chequei minha bolsa, que tinha a única arma que eu trouxe comigo, uma adaga pequena que podia caber perfeitamente dentro de uma bota.

Apenas metade dos lugares do avião estava ocupada, e seus ocupantes pareciam exaustos e dormiam barulhentemente, cabeças pressionadas contra janelas ou contra os descansos de cabeça dos assentos reclinados. Enquanto eles dormiam, eu encarava a janela, bem acordada e lamentando. Eu olhava a terra negra passar por nós, cidades brilhando como circuitos âmbar na escuridão.

O aeroporto estava vazio quando nós pousamos, exceto por uns poucos passageiros e os atendentes das lojas que estavam ajeitando seus estoques se preparando para os vôos do próximo dia.

Eu peguei um táxi e fui para Rookery. Era estreito, escuro, e com blocos retangulares perto de East River, tão perto como Nova Iorque era de Gotham. O táxi me deixou em uma esquina de aparência sinistra, vapor aparecendo da ventilação do metrô e o cheiro do cigarro e prédios decaídos preenchiam o ar.

O odor de um lugar que não tinha mudado muito, também.

Era tarde, e o sol estava quase aparecendo. Eu estaria quase inconsciente, e completamente vulnerável com a luz do sol, o que significava que eu precisava achar um lugar para descansar.

De acordo com a Web, o hotel mais próximo ficava daqui a seis quadras. Era chamado Wellington Arms, e um sinal em cima da porta dizia TODOS SOBS BEM VINDOS.

O nome do hotel era muito mais impressionante que seu interior. O lobby era pequeno e desorganizado, mas limpo. Um homem com cabelo recortado e um rosto de porco que apenas uma mãe podia amar estava sentado no balcão de entrada, assistindo hóquei em uma televisão portátil com uma antena que tinha três vezes o seu tamanho.

Uma campainha na porta tocou quando eu entrei, e ele olhou para mim. — Bem vinda ao Wellington Arms. — Ele disse, sua voz nasal e com sotaque. — Onde seus mais selvagens sonhos se tornam realidade. Posso oferecê-la a suíte dos noivos?

Eu cheguei ao balcão e coloquei minha bolsa no chão. — Você tem uma suíte dos noivos?

— Este lugar não parece um estabelecimento que tem uma suíte dos noivos?

Sua voz era plana, um pouco sarcástica, e eu ri pela primeira vez em horas. — Não exatamente. Parece o tipo de estabelecimento que tem insetos na cama do tamanho da minha bunda, ao invés.

Ele levantou uma sobrancelha e se inclinou no balcão o suficiente para ver a bunda. — Eh, você é pequena. Isso talvez não os faça justiça. Eu assumo que você está procurando por um quarto antes do nascer do sol.

— Você assume corretamente.

— Vampira estilosa como você não pode conseguir um lugar melhor?

— Vampira estilosa como eu não precisa de um lugar melhor. Quanto?

— Cem pelo quarto. Cento e cinquenta se você quiser uma vista.

— De quê? — Eu perguntei, pensando nos becos e enferrujadas escadas de emergência do lado de fora.

— Nossa antiga vizinhança e seus abundantes arredores. Apenas dinheiro.

Felizmente, eu tinha pegado algum no aeroporto. Eu peguei seis de vinte do meu bolso e coloquei em cima do balcão. Seus olhos se abriram.

— Cem pelo quarto. Eu disse. — Vinte por seu refrescante atendimento. E mais vinte se quando eu sair você nunca me viu entrar.

Ele grunhiu, mas ele já estava deslizando seu chaveiro de plástico e a chave pelo balcão. — Se você não fosse tão estilosa, um cara podia pensar que você era daqui.

Eu peguei a chave e tirei minha mão do dinheiro, o qual ele transferiu para seu bolso. — Um cara que pensa demais, perde a gorjeta. Para que lado?

Ele grunhiu, balançando a cabeça para um curto

corredor à minha esquerda. Eu peguei minha bolsa e fui para o quarto.

Como o escritório, o quarto era desorganizado, mas surpreendentemente limpo. O chão era duro, a mobília e decoração eram de uma era onde o disco era rei – muito amarelo, laranja e verde em um selvagem padrão floral. Eu me perguntei se tinha uma Sra. Wellington Arms que escolheu os móveis enquanto seu marido cuidava do balcão da entrada. Se for isso, ela podia ser uma vampira, porque as cortinas florais foram alinhadas e cuidadosamente colocadas juntas de modo que deixasse o sol fora.

Eu lavei meu rosto e escovei meu cabelo e dentes, mas deixei minhas roupas, apenas se meu dia fosse interrompido. Eu coloquei o tranco na porta e achei dois copos na pia, os quais coloquei na frente da porta. Eles não iriam segurar a porta, mas eles iriam fazer barulho suficiente para me acordar se alguém tentasse forçar a porta.

Luc, eu pensei, ficaria orgulhoso pela preparação ligeiramente paranoica. Mas aquela ideia apenas me deixou mais miserável.

— Tarefa à mão. — Eu sussurrei para mim mesma. — Foco. Complete a missão. Depois vá para casa e lide com o que seja que restou.

Falando em casa, pareceu uma boa ideia deixar alguém saber que eu cheguei a Nova Iorque. Eu escolhi Merit; ela pareceu ser a melhor opção sem drama. Eu subi na cama e ajustei travesseiros na minha cabeça, então mandei uma mensagem para ela.

EM NI, eu mandei. NA CAMA.

Levou apenas um segundo para ela responder.

QUE BOM QUE VOCÊ ESTÁ EM SEGURANÇA. ALGUMA NOVIDADE SOBRE O'HARE?

Eu imaginava, a fofoca se espalhou.

AINDA NÃO. ELE É MINHA PRIMEIRA VISITA AMANHÃ. TENHO QUE DEIXAR PASSAR A NOITE; PELO MENOS.

Poucos segundos se passaram antes dela responder.

E LUC?

Eu podia quase ouvir a hesitação em sua voz. Ela não queria começar um assunto desconfortável – essa era Merit – mas ela ainda era uma amiga, e estava preocupada.

Meus dedos pausaram sobre as letras, com vontade de confessar a verdade.

NÓS DECIDIMOS NÃO SEGUIR COM O RELACIONAMENTO.

Isso soou inteiramente lógico. Então eu fui com isso.

Mas Merit não acreditou.

VOCÊS JÁ ESTÃO EM UM RELACIONAMENTO.

DEFINITIVAMENTE NÃO.

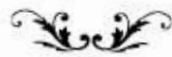
Eu escrevi de volta, mas um desconfortável calor se espalhou pelo meu peito. Um pressentimento emocional.

ESTÃO SIM.

Ela escreveu.

VOCÊ O AMA. VOCÊ O RESPEITA. VOCÊ PASSA TODO SEU TEMPO JUNTO – TRABALHANDO OU FAZENDO OUTRA COISA. ISSO É UM RELACIONAMENTO.

Isso não era verdade, eu pensei. Não podia ser verdade. Porque se fosse, eu tinha cometido um erro miserável.



O sol nasceu e se pôs, e eu acordei tão rápido quanto dormi, completamente vestida, adaga ao meu lado. Eu joguei água no meu rosto e chequei meu telefone, que não tinha mensagens, nem de Luc. Mesmo que aquela ausência era completamente minha culpa – e minha escolha – ainda doía. Eu fiquei acostumada com ele. Suas piadas. Suas emoções. Sua presença. Eu desisti daquilo por uma merda de quarto de hotel e uma chance no homem que estava ameaçando minha família.

Eu abri a porta, achei uma garrafa de Blood4You, o

sangue empacotado que a maioria dos vampiros americanos usava por conveniência (e assimilação), com uma nota: — Tenha uma boa noite, vamp estilosa.

— E para você também. — Eu murmurei, abrindo a tampa e bebendo a garrafa inteira em segundos. Eu era normalmente mais cuidadosa sobre beber sangue regulamente, mas a viagem não tinha me deixado beber, e eu tinha estado muito aterrorizada ontem para pensar nisso.

Pânico levava a más decisões, ou pelo menos era o que Luc nos tinha ensinado.

E lá estava ele de novo invadindo meus pensamentos.

O lobby estava vazio quando eu caminhei por ele, a TV ainda estava mostrando esportes na tela preta e branca. Eu coloquei os prometidos vinte no balcão e a chave em cima, e fui para o Green Clare.

O pub era difícil de não ver, pequeno e perdido junto aos prédios imensos na vizinhança. A rua na frente dele era marcada por um vívido verde trevo imenso de um lado a outro. Era a única coisa em Rookery que não estava suja, arranhada, ou descascando.

Eu abri a porta, deixando brisa fresca entrar nos cheiros de sangue, bebida e cigarro. Clientes, chocados pela interrupção, viraram para olhar suspeitosamente para mim. A maioria era sobrenatural, mas suas expressões e suas mágicas eram ocultadas pelo álcool, suas emoções igualmente passivas. Medo e tristeza apareceram, não ajudada muito pelo jukebox que tocava blues.

Eu ignorei seus olhares e fui para o bar, onde um

homem com barriga de barril em seus cinquenta estava limpando o balcão.

— Bebida? — Ele perguntou por cima da música, sem olhar para cima.

— Não, obrigada. Eu estou procurando por O'Hare.

Ele parou e olhou para mim, um olho faltando cobria uma pela velha. — Quem está procurando?

— Rose. Ele está me esperando.

O barman olhou para cima e para baixo, me medindo. Suas emoções estavam relativamente calmas. Ele provavelmente sabia que eu era uma vampira, mas não uma ameaça. Se Danny estava me procurando para terminar o serviço, esse cara não sabia muito disso.

E isso só me deixou mais cautelosa.

— Fique à vontade. Ele disse. — Ele está em seu escritório. — Ele gesticulou um corredor que saía do bar.

— Obrigada. — Eu disse, e desviei de mesas e olhares.

O corredor estava pintado em preto, e não cheirava nada melhor que o resto do bar. Banheiros eram localizados em cada lado e tinha uma saída de emergência no final.

Isso me deixava com uma única porta à minha esquerda.

Eu tentei sentir a adaga que eu coloquei na minha bota, respirei, e passei pela entrada da porta.

Danny O'Hare era um homem bonito. Com ombros largos, com uma covinha e um complexo corado. Seus olhos eram azuis, e eles brilharam com a minha aparição.

Ele estava sentado atrás da mesa em um escritório pequeno que estava lotado de papéis e amarrotado com caixas de bebida. Irônico, eu pensei, que toda aquela bebida era legal agora, mas tinha provavelmente sido comprada com dinheiro da Proibição.

— E quem de todas as pessoas passaria pela minha porta. — Ele disse, com sotaque irlandês — A não ser a selvagem Irlandesa Rose.

— Eu não sou irlandesa. — Eu lembrei a ele. — E você sabia que eu estava vindo.

Eu soltei a moeda em sua mesa, onde girou por um momento antes de ficar parada de novo. Eu joguei a isca, e esperei que suas emoções aparecessem. Mas tudo que eu pude sentir eram um vago interesse e entusiasmo infantil. Isso era muito parecido com Danny, que parecia gostar de sua seguir a vida como um adolescente valentão. O mundo era composto por aquilo que ele possuía e aquilo que ele ainda não possuía. Tudo na segunda categoria era jogo justo.

— Eu escutei por fofoca que você estava viva. — Ele disse. — E eu vi seu rosto na revista. Mas não fui eu que chamei você aqui.

Sua voz tinha, como antes, uma qualidade musical que mostrava seu entusiasmo para violência. Mas nada parecia desonesto. Como isso era possível? Se não tinha sido ele que me chamou aqui para acabar comigo, para terminar de destruir aqueles próximos a Tommy DiLucca — ou minha família, se ele não podia me pegar tão rápido — então quem o fez?

— Quem está me procurando? — Eu escutei o leve pânico na minha voz e eu o empurrei para longe.

— Querida, os tempos mudaram. Eu não controlo o mundo como eu fazia. Eu sou um simples homem de negócios, trabalhando nesta casa pública.

Eu não acreditei nisso, nem por um segundo. Ele podia ser um homem de negócios, mas eu duvidava que tivesse algo simples sobre isso.

— Você deve saber alguma coisa. — Eu insisti, pegando uma mão cheia de vinte e jogando-as na mesa em sua frente.

Os olhos dele piscaram para o dinheiro, por um breve momento. — Eu escutei algo sobre uma mulher interessada em falar com você sobre aquela noite. — Ele se inclinou em sua cadeira, colocando suas mãos atrás de sua cabeça, do mesmo jeito que Luc fazia regularmente, mas com mais considerável malícia.

Confusão me preencheu. — Uma mulher? Quem? Eu não conheço nenhuma mulher daquela época. Nenhuma que ainda está viva.

— Viva ou morta é uma coisa fluída nesses dias, minha Rose. Que mão severa seria forte o suficiente para retirar uma flor em sua forma prima.

Eu vi apenas o brilho em seus olhos para o lugar atrás de mim que me avisava o perigo que eu não tinha nem escutado por baixo da música do bar. Eu tinha apenas um instante para olhar para minhas costas, antes de ver o rosto do barman, antes de sentir uma dor aguda em minhas costas.

O mundo ficou preto, e a gravidade me chamou para casa.



Eu acordei com dor. Com muita, e se espalhou pelo meu corpo. Minha visão estava turva, minha cabeça pesando, e eu podia sentir sangue.

Devagar, o mundo parou de girar, e material ficou em foco.

O jeans que eu estava vestindo. Eu estava sentada em uma cadeira, olhando para minhas pernas, minha cabeça pendurada em meus ombros. Meus pés estavam embaixo de mim, amarrados por uma corrente presa no chão de concreto que estava manchado com sangue, provavelmente meu.

Meus ombros doíam, e meus dedos estavam dormentes. Minhas mãos estavam nas minhas costas, meus pulsos amarrados juntos, bem apertados na parte de trás da cadeira. Muito apertado mesmo, se a dor aguda fosse de qualquer indicação.

Eu olhei para cima e pisquei um pouco. Uma luz forte estava direcionada para o meu rosto como em uma cena de interrogação em um filme que Luc tinha gostado um pouco demais – e provavelmente citou depois.

Saudade me preencheu, mas eu a afastei.

Primeiro, fique viva, eu disse para mim mesma. *Depois você pode pensar sobre sentimentos*.

Eu escutei algo mais à frente. — Oi? Quem está aí?

Ninguém respondeu, mas eu escutei o que parecia uma canção de ninar para crianças.

— Fique quieta e durma, minha criança. — Ela cantou. — Fique quieta e durma, minha criança. Porque se você acordar, os monstros vão te levar de volta para Rookery.

Eu apertei meus olhos por causa da luz e tentei ver na escuridão na minha frente, tentando ver as formas e distâncias. — Quem está aí? Apareça. Danny? Isso é você?

Mas não era Danny. Ela deu um passo para a luz, e o pesadelo começou. Era Iris, e do mesmo jeito no qual eu a tinha visto da última vez.

Como uma versão sobrenatural da Senhorita Havisham, ela parecia que não tinha trocado de roupas em décadas. Seu vestido estava rasgado, sem as franjas e sem manchas como um animal com sarnas. Seu cabelo estava estirado e embaraçado, e com presilhas beges e broches. Sua pele estava com cicatrizes e marcada, dotada de marcas onde balas, sem dúvida, penetraram.

Ela esteve aqui, nesse lugar, por quase um século? Se escondendo do mundo, revivendo o que ela tinha visto? Tinha a violência, ou sua experiência dela, a deixado louca? Não tão louca, talvez, que ela pudesse fazer um acordo com o diabo, pagar Danny e seus capangas para me atrair até aqui.

Não importava como ela tinha feito, como eu não sabia? Como eu não a salvei?

— Iris. — Eu disse sem ar, minha mente subitamente girando, uma década de história sendo reescrita, e culpa rapidamente me consumindo. — Você está viva.

— E você também, eu vejo. — Ela me alcançou e me deu uma tapa, forte. Minha bochecha ardeu com dor, e eu senti o gosto de sangue fresco de novo.

— Eu estava no esconderijo. — Eu disse. — Eu estava procurando por bebida lembra?

— Você me deixou aqui. Você a deixou aqui. E você saiu como se você fosse algo realmente especial. O último biscoito no prato.

Ela lançou uma cópia da revista em mim. — Todo esse tempo, sua pequena vaca, eu pensei que você estivesse morta. Descubro que você estava em Chicago. Se escondendo e se mostrando. Mostrando seus pequenos bonitos peitos para a câmera. Você nos deixou aqui para morrer!

— Eu pensei que você estava morta, Iris. Todos estavam mortos. — Ainda assim, eu procurei na minha memória por alguma dica que eu estivesse errada, que eu a deixei aqui para ser encontrada por Danny O'Hare, ou para se rastejar para fora viva. Mas eu não encontrei nada. Tinha apenas o cheiro de morte, o absoluto silêncio dela, e o vago som de sirenes à distância.

Eu tinha cometido um erro. Mas Iris não se importou muito.

Ela me deu outro tapa, desta vez na outra direção. Meus olhos lacrimejaram por causa da dor.

— Hoje à noite nós vamos reviver aquela noite. — Ela saiu da luz, e eu escutei o som de um líquido saindo de uma garrafa. Eu senti o cheiro de álcool.

A luz diminuiu enquanto ela foi para frente e jogou uma

garrafa de bebida em meu rosto. Gin, eu acredito, cheirando a bebida enquanto ela derramava em meus olhos e em cortes que eu ainda não tinha visto, mandando uma nova onda de dor por já estressados nervos.

— Álcool. — Ela disse. – Para lembrar. A bebida do diabo, que você aproveitou uma e outra vez. E agora você será punida por isso.

Ela desapareceu novamente, e meu coração começou a bater furiosamente. Se ela queria refazer aquela noite, ela tinha uma arma? Ela planejava atirar em mim aqui e agora, como um animal?

Adrenalina estava me consumindo, eu me mexi para ver se conseguia me soltar das amarras e correntes. Mas nenhuma delas cedeu.

Eu estou oficialmente em uma situação complicada, eu pensei, desejando lembrar mais das táticas de manobras evasivas de Luc antes de essa crise em particular começar.

— Você era ignorante. — Ela disse, ficando na minha frente de novo, desta vez segurando uma presilha em sua mão. Ela se moveu para frente e colocou em meu cabelo, puxando meu couro cabeludo no processo.

— Eu aposto que você não sabia que eu amava Violet.

Eu me concentrei contra a dor. — Violet? Vocês duas...?

— Estávamos apaixonadas. — Ela disse. – Não que você iria notar, ocupada como estava flertando e vagabundeando com qualquer homem que você encontrasse. Outra razão do por que você está recebendo isto.

— Eu sinto muito que ela morreu, Iris. Mas eu não sabia

que ela estava viva. Eu não sabia que ninguém estava vivo. Eu pensei que todos estivessem mortos. Nós éramos melhores amigas. Você realmente acha que eu não iria voltar por você se eu soubesse? Que eu não iria ajudar você a sair daqui?

Ela pareceu momentaneamente confusa, e eu pensei que eu estava conseguindo chegar até ela. Mas a mistura do trauma e loucura se mostrava em seus olhos de novo.

Ela se inclinou para frente. – Você. Está. Mentindo. Tudo que aconteceu comigo é sua culpa.

E ali estava. Ela queria alguém para culpar, mesmo se não tivesse nenhuma causa para aquilo. Mesmo se ela pudesse entender o que realmente aconteceu.

Ela me trouxe aqui, e não havia dúvida do que ela pretendia terminar hoje à noite. Mas eu precisava de tempo. Tempo para criar um plano, e me livrar.

— Você pagou Danny? — Eu perguntei, tentando deixá-la ocupada enquanto eu lutava contra as amarras em meus pulsos. Eu podia sentir o plástico cortando minha pele, mas dor era irrelevante. Sobrevivência era a única coisa que importava.

— Danny O'Hare é um verdadeiro filho de uma puta. — Ela disse, cuspiendo no chão ao meu lado. – Ele não se importa com o que aconteceu no bar naquela noite – o passado é passado para ele – mas ele está sempre afim de ganhar uma moeda. Então ele achou um homem, e este homem fez um favor. Custou-me até o último centavo que eu tinha para fazê-lo aceitar a missão, poderosa do jeito que você é agora. Mas valeu a pena não? Porque você está aqui.

Ela se moveu para mais perto, e eu vi o brilho do metal em sua mão. Uma arma, 9mm. Eu não tinha dúvidas que ela iria esvaziar aquilo no meu corpo, e aquilo provavelmente iria ser o início dos seus planos para mim.

Infelizmente, força vampiresca à parte, minhas amarras não estavam cedendo.

Eu era uma vampira por um longo tempo, e eu encarei a morte antes. Eu não tinha me arrependido muito. Mas agora, desta vez, eu me arrependia. *Eu sinto muito, Luc*, eu pensei silenciosamente, mandado as palavras por quilômetros, como se ele pudesse me ouvir. *Eu sinto muito, eu lhe afastei. Eu te amo. Eu te amo mais que tudo.*

As lágrimas começaram a cair, mas eu não era uma covarde. Eu olhei para Iris, encontrei seu olhar com a cabeça erguida.

Sua mão balançou, e ela apontou a arma para mim. – E agora nós vamos estar quites. — Ela disse.

Tiros soaram como explosões, e eu instintivamente me preparei para o impacto.

Mas eu não senti nada.

Chocada demais, eu olhei para baixo. Marcas de sangue apareceram no vestido de Iris, e ela caiu de joelhos, segurando seu estômago.

— Lindsey?

Aquela era a voz de Luc.

Santo Deus, era Luc. Ele estava aqui. Ele tinha vindo por mim.

Ele apareceu por trás dela, em seu uniforme de jeans e

botas, e quando a arma caiu no chão, ele chutou para longe e para fora do alcance dela.

— Jesus, Linds! — Luc correu até onde eu estava, colocando suas mãos em meu rosto e pressionando seus lábios nos meus. Ele tirou uma bandana do seu bolso e colocou no que eu assumi que fosse sangue no meu rosto. — Você gostará de deixar perto.

Ao mesmo tempo, quatro homens em roupas pretas entraram calmamente. O da frente, que tinha um longo, severo rosto e que estava carregando a arma que atirou em Iris, acenou para Luc. Eles a pegaram, com mais gentileza do que eu teria feito, e começaram a carrega-la para fora do quarto.

— Quem era aquele? — Eu perguntei, perplexa, enquanto Luc trabalhava para me soltar.

— Departamento sobrenatural de Nova Iorque. Eles tinham o lugar em vigilância.

— Peça para que eles chequem o Green Clare, achem Danny. — Eu disse. — Tenha certeza que isso acabou. Que Rachel está segura.

— Caras? — Luc disse.

— Vamos lá. — Disse o homem com o rosto longo.

Eu olhei para Luc em seus joelhos ao meu lado, e mal pude acreditar que ele estava aqui, quão sortuda eu era que ele veio, que eu tive uma segunda chance, que eu estava viva.

Mas meu cérebro não passou esses pensamentos para minha boca, que ainda estava brincando da velha Lindsey e de seu compromisso proibido. — Eu disse para você não vir!

— Sim, você disse. — Luc disse. — Eu te ignorei.

— Você não deveria ter feito isso.

— Nesse caso, você estaria cheia de furos de balas, o que eu não acho atraente em uma mulher.

Eu não pude fazer nada a não ser sorrir. — Como você me achou?

— Seu celular. Eu coloquei GPS, lembra? Jeff me ajudou a rastrear. Ele é realmente bom nisso.

Jeff Christopher era um amigo da Casa, e um empregado do avô de Merit, que foi o antigo ombudsman.

Eu escutei uma série de cortes, e meus pulsos estavam livres, mandando dor para os meus ombros. Quando meus pés foram desacorrentados, eu coloquei uma mão em Luc para me levantar.

— Um, não. — Ele disse, se inclinando e me levantando em seus braços. Eu coloquei meus braços em seu pescoço.

— Você vai realmente me carregar?

— Sem dúvida, Lindsey Rose. — Ele olhou para mim, seu rosto marcado com preocupação. — Você está bem, certo?

— Eu vou ficar. — Eu disse, mas lágrimas ainda caíam.

— Eu pensei que ela estivesse morta, Luc. Eu pensei que todos estivessem mortos. Eu nunca deixaria...

— Cale-se. — Ele disse. — Cale-se. Claro que você não os deixaria. Você teria feito qualquer coisa que pudesse para ajuda-los, para tirá-los dali vivos. Mesmo nova como você era. E mesmo antes da minha tutela habilidosa.

— Você está arruinando esse momento maravilhoso.

Ele riu, só um pouco. — Vamos, Rose. Vamos te dar um

banho. Você cheira a um gim e tônica ambulante.

— Eu podia tomar um gim e tônica.

— Eu posso fazer isso acontecer.



Desta vez o hotel era consideravelmente melhor. Nós saímos do Rookery para o Plaza, um presente de Ethan e Merit para agilizar a minha recuperação. Eu comecei com um banho, lavando o sangue e sujeira e gim.

Quando eu emergi do banheiro, minhas feridas já estavam curando, eu achei Luc do outro lado do quarto, em pé em uma mesa e comendo morangos cobertos com chocolate de uma bandeja de prata.

Eu vestia os únicos pijamas que eu tinha levado, um top e um short de seda cor de pêssego. Luc colocou o papel na mesa e encontrou meu olhar.

A atmosfera era estranha, no mínimo.

— Eu te afastei. — Eu disse.

— Você o fez. — Ele respondeu cuidadosamente.

— Você veio de todo jeito.

Ele passou uma mão por seus cachos. — Eu não consigo me livrar de você, Linds. Não importa o quanto você me afasta, eu não consigo me livrar de você. Eu não quero me livrar de você. Eu quero você — toda. Se eu não posso ter isso, então eu não sei...

Não importava que ele não soubesse.

Eu corri até ele, me joguei em seus braços, e coloquei minhas pernas em sua cintura e meus braços em seu

pescoço. E então eu o beijei como eu nunca fosse ter outra chance.

— Nunca mais... me deixe... de novo. — Eu exigi entre beijos.

— Você me disse para deixar você. — Ele apontou, entre me empurrar duramente contra sua crescente - e impressionante - ereção, e morder meus lábios.

O beijo ficou mais profundo, sem respirações. Isso não era apenas amor. Era *necessidade*.

Lágrimas caíram dos meus olhos com a realização – não, a admissão – do quanto eu o necessitava, o quanto ele me centrou, o quão melhor eu estava quando nós estávamos juntos.

— Eu te amo. — Eu disse, me afastando e colocando minhas mãos em suas bochechas, o fazendo olhar para mim e ver a emoção refletindo em meu rosto.

E eu senti isso dele, também, aumentado e iluminado. Não apenas porque ele me amava, mas porque – inteira e finalmente – ele acreditou que eu o amava de volta e que seu coração estava seguro em minhas mãos como o meu estava nas suas.

Ele parecia completamente impressionado. – Cristo, Lindsey. Eu te amo, também.

Nos olhamos por um momento, até seus olhos caírem em meus lábios e nos atacamos de novo. Eu agarrei maços de seu cabelo, puxando até sua garganta soltar um rosnado, mandando um calor por meu corpo. Luc fixou sua boca na minha – chupando, mordendo, experimentando – e manejou

meu corpo até minhas costas estivessem contra a parede e a fricção entre nós tivesse me deixado no limite de um orgasmo brutal.

Sem aviso, explodiu por meu corpo como fogo, e eu chamei seu nome com um tremido suspiro.

— Sim. — Ele disse. — Eu quero mais de você.

Meu corpo ainda estava ao seu redor, ele foi para a cama e me deitou nela. Minhas roupas desapareceram rapidamente. As dele acompanharam ligeiramente, e então seu corpo estava em cima do meu, quente e faminto e duro por mim.

Ele colocou sua mão em meu peito, me excitando e me instigando de novo, me desafiando a ir mais fundo. — Mais. — Ele disse.

— Eu não tenho nada mais. — Minha voz soou drogada de amor.

— Mentirosa.

Eu não estava mentido, mas ele me fez ser mentirosa. Com um único, poderoso puxão, ele me deixou em dúvida, seus habilidosos quadris provando que ele podia brincar com o meu corpo como um gênio.

Eu coloquei minhas pernas ao redor de sua cintura, observando como seus olhos brilharam e suas presas desceram, e arqueei meu pescoço para oferecer o verdadeiro presente que um vampiro podia oferecer.

Sangue.

Ele se inclinou, mandando outra onda de prazer por mim, grunhindo em meu pescoço com o prazer disso. Seu

corpo se movia mais rápido, suas mãos ainda em meu corpo – testando, instigando, passeando – até que com um último grunhido ele destruiu nós dois.

Alguns segundos depois, ele se deitou ao meu lado, mas ficamos de mãos dadas.

Quando minha respiração voltou ao normal, eu olhei para ele. — Como nós fazemos isso? Como nós mantemos isso seguro?

Luc sorriu, um cacho em sua testa, e tocando na minha nuca. — Do mesmo jeito que qualquer coisa como um vampiro. — Ele disse. — Nós planejamos contingências e nós levamos uma noite de cada vez.



Ele conseguiu permissão para usar o jato da Cadogan, o que significava que meu segundo voo foi significativamente mais luxuoso do que o primeiro tinha sido. Muitas poltronas de couro e ofertas de drinques, comida, e material de leitura.

Com Luc ao meu lado, e um novo tipo de esperança em meu coração, não foi a pior maneira de viajar.

Nós voltamos para a Casa para achar Rachel na entrada, esperando impacientemente com Ethan e Merit pela minha chegada. Rachel avançou em mim e me embalou com um abraço, e eu devolvi tão bem como eu pude.

— Graças a Deus, Tia Lindsey. Eu estava tão preocupada.

— Isso não diz muito das minhas habilidades. — Eu

apontei.

— Que foram impressionantes. — Luc murmurou, uma mão nas minhas costas.

Ray deu um passo para trás e sorriu. — Tio Luc disse que você estaria bem. E isso foi antes dele ir resgatar você.

Tinham tantas coisas erradas nessa frase, que eu gaguejei.

— Tio Luc? — Eu repeti. — E antes dele ir me resgatar?

Merit sem sucesso tentou conter o riso, e até Ethan riu.

— Crianças dizem as coisas mais estranhas. — Luc disse, em sua voz de “Ai, droga”, o que ele normalmente achava que o tiraria de problemas.

— Nós discutiremos sobre isso mais tarde. — Eu disse em uma voz naturalmente boa, olhando para Rachel. — Você está bem?

— Eu estou ótima. Todo mundo é bem legal. Helen me mostrou a Casa, e me deixou usar a biblioteca para estudar, o que foi ótimo. E Merit me deixou provar essas pequenas sobremesas chamadas Mallocakes, que eu nunca tinha visto mas agora vou procurar na internet por elas. Mas, se está tudo bem com você, eu acho que estou pronta para ir para casa. — Ela balançou, e olhou de volta para Merit e Ethan se desculpando.

— Mesmo o melhor hotel está em segundo lugar em relação a sua própria cama. — Ethan disse. — Foi ótimo ter você aqui, Rachel. — Ele olhou para mim. — E é bom ver você de novo bem e com saúde, Lindsey.

— Liege. — Eu disse com um aceno, então olhei para

Luc. – É seguro ela voltar para casa de novo?

— É agora. — Ele disse. — Seu amigo no Green Clare já não é um problema, e o DPC olhou a casa apenas no caso de ter mais alguma armadilha.

— Ele achou alguma coisa? — Eu perguntei.

— Nada. Ataque no alvo, em maior parte para chamar sua atenção. O que funcionou.

— É. Eu permiti.

— Eu disse para o carro esperar. — Luc disse, mostrando a porta. — No caso de Rachel estar pronta.

— Ela está. — Rachel disse, apontando para a bolsa perto dela no chão.

— Nesse caso, eu te acompanho até lá fora. — Eu olhei para Luc. — Você pode nos dar um minuto?

— Claro. — Ele abriu a porta e esperou enquanto Rachel e eu passamos por ela.

— Como foi sua viagem? — Ela perguntou.

— Educacional, eu acho. O passado nunca é como imaginamos.

— Isto é terrivelmente filosófico. — Ela disse.

— Nova Iorque vai fazer isso com uma garota.

Nós chegamos até o carro, e o motorista colocou a bolsa dela na mala e abriu a porta para ela.

— Ei. — Ela disse com um sorriso. — Cada família tem seus esqueletos. É apenas mais provável dos seus serem super-ghouls ou algo assim.

— Eu não acho que isso exista.

— Você acha isso *agora*. — Ela disse, apontando para

mim. — Mas a vida usualmente nos prova errados.

Nós trocamos um último abraço, e ela entrou na parte traseira. O motorista fechou a porta, tocou no chapéu para mim, e o carro desapareceu pela rua e a escuridão.



Não foram muitas horas antes do amanhecer, mas Ethan deu a Luc e eu o resto da noite livre, prometendo que ele e Merit iriam ficar de olho nos intrusos. Como isso iria envolver que eles ficassem com as mãos longe um do outro, eu achava a oferta duvidosa. Mas tinham sido longas noites, então eu não discuti.

Luc e eu voltamos para o meu quarto, onde eu ofereci uma coisinha para o homem que tinha viajado metade de um continente para me salvar, mesmo quando eu tinha certeza que eu não precisava ser salva.

Ele deitou na cama em boxers e um sorriso. Quando eu saí do closet, seus olhos abriram tanto quanto eu esperava que eles fizessem.

— Você está usando as botas. E muito pouco fora isso.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris bem acima da lingerie delicada que cobria apenas o que eu precisava e sorri cativamente.

— Se nós vamos estar em um relacionamento real, eu pensei que nós devíamos começar no pé certo.

— Muito certo. — Luc murmurou, estendendo a mão.

Pela primeira vez na minha longa vida, eu não hesitei.



TRADUÇÃO

SARA

REVISÃO

LEIDY



Esta obra foi traduzida pelo grupo de **Tradução After Dark (TAD)**, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. O Grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, a Traduções After Dark, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

☾ *All Creatures of the night get together After dark* ☽